



Carnegie Mellon quer continuar em Portugal

Jared Cohon, presidente da CMU, diz que o envolvimento da indústria no programa é fundamental.

PEDRO QUEDAS

pedro.quedas@economico.pt

Num momento em que o programa Carnegie Mellon/Portugal entra na segunda metade dos seus cinco anos de actividade, o presidente da escola norte-americana veio a Portugal e fez um balanço do que já foi feito e uma previsão do que ainda falta fazer.

Como avaliaria o trabalho que foi feito nos primeiros anos deste programa?

É impressionante o que conseguimos fazer em tão pouco tempo. O modo como os meus colegas no Carnegie Mellon e os professores portugueses têm colaborado e até o modo como os colegas portugueses têm colaborado entre si, entre as universidades. Isto é algo que não acontecia antes. Temos muito de que nos orgulhar. Penso que vai ter um grande impacto na economia.

Por que razão escolheram Portugal?

Muitas pessoas me perguntaram isso. De todos os países no mundo, porquê Portugal? Primeiro, Portugal queria-nos cá e isso foi muito significativo. O vosso governo mostrou muita visão e coragem em investir nestes programas, é muito dinheiro. É um investimento de longo prazo no futuro e isso captou-nos a atenção. Outra razão foi o facto de termos vários professores de Portugal na Carnegie Mellon que mantêm os seus laços a Portugal. De certa forma, é que se estivéssemos a regressar a casa.

Quão importante é o envolvimento da comunidade empresarial?

Fundamental. Sempre foi um dos principais objectivos do governo na criação deste programa. A grande visão é fazer tudo isto em nome do desenvolvimento económico. O envolvimento da indústria é crucial porque as ajuda a ser mais competitivas globalmente,

PERFIL

JARED COHON, CARNEGIE MELLON

■ Presidente da Universidade de Carnegie Mellon desde 1997, Jared Cohon chegou à instituição vindo da Universidade de Yale, onde tinha sido o director do departamento de Estudos Ambientais durante cinco anos. Autor de um livro e colaborador em mais de 80 publicações científicas, é um dos maiores peritos mundiais na área da análise de sistemas de gestão da água e do meio ambiente, um campo que aplica conhecimentos de engenharia, economia e matemática aplicada.

com o acesso às tecnologias mais inovadoras.

E como vê a relação entre a indústria e as universidades?

Algo que se deve perceber é que as universidades não são empresas, a sua pesquisa nem sempre é dirigida a resolver problemas reais do mercado e é assim que deve ser. Mas a orientação de negócio que a presença da indústria traz pode ser muito saudável. Não se pode confiar num professor para saber o que pode resultar no mercado. Mas é suposto haver resistência ética por parte dos professores, a última coisa que queremos é que as universidades se comportem como empresas. Não podemos perder a nossa essência, o interesse em inovar.

Como avaliaria as universidades portuguesas?

Aquilo que sei é o que ouço por parte dos meus colegas. E muito do que ouço destaca a capacidade das universidades de trabalharem em conjunto. Porque uma coisa deve ser dita, as universidades não trabalham bem em conjunto em lado nenhum do mundo. Há todo um nível de orgulho e competitividade. Aquilo que tenho gostado de ver é a criação de uma universidade virtual, cursos que se integram nos programas de várias universidades. Não é algo que se encontre muito no resto do mundo.

Porquê o sector das tecnologias da informação?

Porque todos os aspectos da vida são apoiados por este sector. E uma economia de nível mundial não pode crescer sem uma forte aposta nas tecnologias de informação. Só o facto de nós estamos aqui, mostra a preocupação que Portugal tem com este sector.

E como justifica esta atenção dada à Cibersegurança?



Jared Cohon lidera a CMU há quase doze anos.

À medida que a tecnologia invade todo o modo como conduzimos as nossas vidas pessoais e profissionais, o modo como tudo ficou ligado, torna-nos muito mais vulneráveis a ataques exteriores. A segurança com que protegemos os nossos dados tornou-se fundamental. Também se instalou uma mentalidade "pós-11 de Setembro" em que todos os países estão mais sensíveis a estas questões. Sem segurança não há confiança.

Dentro de dois anos o programa termina. Há dinheiro para continuar?

Essas são questões que nós

"A última coisa que queremos é que as universidades se comportem como empresas."

estamos a colocar neste exacto momento, e para as quais ainda não temos resposta. Certamente queremos ficar, e estamos confiantes que, até certo ponto, vamos. Se o programa terminasse agora, muito do que está estabelecido teria capacidade para continuar. Com as ligações que ficaram estabelecidas entre as universidades, quase não importa o que os governos vão fazer no futuro. A sustentabilidade dos programas de mestrados deverá ser garantida pela crescente procura por parte dos alunos. É demasiado cedo para declarar vitória, mas ainda temos dois anos. ■